

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA ESCOLA: UM REFLEXO DA VIDA SOCIAL

Maria do Carmo Silva de Amorim GOMES
Universidade Federal do Piauí – UFPI
literacarmen@hotmail.com

Resumo: Neste trabalho apresentamos resultados de uma pesquisa sociolinguística, realizada em uma escola no bairro Dirceu Arcoverde II, município de Teresina-PI, que teve como principal objetivo investigar as diversas manifestações linguísticas e seus significados sociais, por isso, investigamos desde as conversas informais nos corredores da escola até o ambiente mais formal em sala de aula. Para tanto, nos utilizamos da etnografia, conforme abordado pela sociolinguística, como método para a descrição e análise dos dados (HYMES e GUMPERZ 1972; ERICKSON, 1990), da etnografia educacional Ezpeleta e Rockwell (1986) bem como Ludke e André (1986), além da sociolinguística educacional, conforme Bortoni-Ricardo (2005, 2008). Abordamos aspectos históricos da vida dos moradores através de seus falares e de seus escritos, buscando identificar os significados da fala e da escrita para os diferentes grupos sociais e dos sujeitos. Portanto, nos resultados estabelecemos uma relação direta entre a comunidade social e os sujeitos da pesquisa a fim de obtermos a compreensão dos eventos de fala e dos eventos de escrita investigados aqui.

Palavras-chave: Sociolinguística; Evento de fala; Evento de escrita; Cultura; Etnografia.

1 Introdução

Inicialmente falaremos da comunidade social onde os sujeitos estão inseridos, seguindo dos aspectos históricos e sociais da escola e também de alguns sujeitos situando-os dentro do contexto escolar e da comunidade. Para uma melhor compreensão dos modos de vida dos moradores buscamos uma aproximação com diferentes grupos existentes na comunidade para delimitar o trabalho de pesquisa. Mesmo residindo na região há bem mais de treze anos, buscamos vivenciar o dia a dia da comunidade e adotamos uma metodologia que permitisse ouvir dos próprios habitantes a história de seu bairro e também as suas histórias de vida e que participássemos de muitos momentos na sua rotina escolar e também na comunidade.

Para ampliar nossa condição de observadora, destacamos que fazemos parte do quadro docente da Unidade Escolar Pinheiro Machado, escola onde concentramos nossa investigação durante seis meses, onde pudemos analisar através do método etnográfico as variações linguísticas da escola e da comunidade.

Trataremos aqui de eventos de escrita e eventos de fala de uma comunidade social e de uma escola situada nesta comunidade, onde evidenciaremos as diversidades linguísticas nesses contextos através do método etnográfico.

2 A etnografia como método sociolinguístico

Quando se trata de pesquisa contextualizada numa comunidade escolar e social, amparados pela etnografia enquanto método sociolinguístico, que é o caso dessa pesquisa, deve-se, portanto, considerar a multiplicidade de aspectos tanto no âmbito social e particular, e principalmente considerar a articulação entre os diferentes elementos significativos, vivenciados pelos sujeitos, estando incluso entres os sujeitos o próprio pesquisador.

Dessa maneira, analisamos a situação linguística da comunidade do “Grande Dirceu” e mais especificamente as variações linguísticas de diferentes sujeitos da Unidade Escolar Pinheiro Machado, uma escola pública da rede estadual de ensino, situada do município de Teresina-PI no bairro Dirceu Arcoverde I, região do Grande Dirceu, através de suas manifestações orais e escritas em sala de aula e também fora dela.

Em nossas observações, investimos em compreender o modo de vida dos sujeitos analisados, a postura linguística durante as aulas, no recreio, nos corredores da escola, em situação que exigiam um grau de formalidade na secretaria da escola, na diretoria, na coordenação, e também na comunidade, na rua que dava acesso ao colégio, e em outros ambientes abertos da comunidade, como panificadora, restaurantes, bancos, loteria, lojas, igrejas, postos de gasolina, dentre outros, através de seus eventos de fala e eventos de escrita.

Pois, conforme nos orienta a etnografia, os estudos devem se voltar em analisar tanto os aspectos globais assim como os aspectos individuais, inseridos neste contexto os usos da fala e os usos da escrita, dentro de uma perspectiva holística, de buscar relações entre os diferentes fenômenos sociais, buscando evidenciar os significados de cada situação vivenciada por um determinado grupo social. Erickson (1988, p. 01) em seu artigo *Descrição etnográfica* nos mostra questões substanciais da pesquisa etnográfica, fazendo um apanhado da origem e definição da etnografia:

(1) seu foco particularístico nas especificidades do desempenho que ocorre naturalmente ao falar; (2) seu foco geral nas entidades sociais e culturais, consideradas e descritas como sistemas globais, em comparação com outros sistemas em outras sociedades; (3) seu foco no significado social de enunciados, além de seu significado referencial; (4) seu foco nos significados da ação social que ocorre naturalmente, do ponto de vista dos atores nela engajados.

É importante citar que fazemos parte do quadro docente da Unidade Escolar Pinheiro Machado, onde tivemos a oportunidade de ministrar a disciplina de Língua Portuguesa na turma de 1º ano do Ensino Médio no segundo semestre do ano de 2011. Em outro turno escolar, ficávamos na secretaria da escola, auxiliando nas atividades burocráticas da escola, onde tivemos contatos com uma diversidade de documentos de alunos e também mantivemos contato com pais de alunos e diferentes membros da comunidade escolar e pessoas da comunidade em geral.

Desta maneira, tivemos muitas oportunidades de registrar através da observação participante, vários momentos de interação dentro da escola, da participação efetiva de diferentes membros da comunidade com os gestores, como: alunos, pais de alunos, funcionários administrativos, professores, coordenadores, representantes de instituições. Aproveitamos a aproximação com os documentos da escola para identificar com mais precisão algumas características do alunado, como por exemplo: suas origens, faixa etária, filiação, sexo, assim também como algumas estatísticas escolares sobre aprovação, repetência e reprovação. A observação participante foi fundamental para conseguirmos identificar no

dia-a-dia esses dados, pois de outra maneira seria inviável o contato e o manuseio desses instrumentos dentro da escola. Pois, conforme André (1995, p.28):

A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes.

Os identificar no dia-a-dia esses dados, pois de outra maneira seria inviável o contato e o manuseio desses instrumentos dentro da escola. Pois, conforme André:

Sendo assim, em busca de identificar os significados dos diferentes grupos sociais e dos sujeitos, a etnografia converge com a sociolinguística e concentra-se principalmente na utilização de pesquisas e entrevistas detalhadas através dos registros de gravador e vídeo para análise dos eventos e pessoas. (ERICKSON, 1988; EZPELETA & ROCKWELL, 1986).

Nesta perspectiva, torna-se essencial a postura assumida pelo pesquisador, pois este deve encontrar meios para compreender os significados dos sujeitos e ao mesmo tempo conservar a sua visão objetiva do fenômeno. O pesquisador etnógrafo deve: ser capaz de tolerar ambigüidades; ser capaz de trabalhar sob sua responsabilidade; deve inspirar confiança; deve ser pessoalmente comprometido, autodisciplinado, sensível a si mesmo e aos outros, maduro e consistente; e deve ser capaz de guardar informações confidenciais. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Pois, a pesquisa etnográfica para Erickson (1988, p.8).

...está especialmente interessada naqueles aspectos do significado que não podem ser obtidos diretamente de informantes. Isto envolve usar a observação direta para gerar inferências em relação a ações habituais, julgamentos e avaliações, que estariam fora do julgamento consciente, tais como o uso habitual de ironia ou indiretividade metafórica, ou inferências sobre julgamentos ou avaliações em relação ao uso de vários dialetos ou registros em uma situação particular.

Conforme Bodgan e Biklen (1982, apud LUDKE e MENGA, 1986), a pesquisa etnográfica é uma dentre as várias formas que a pesquisa qualitativa pode assumir e que vem ganhando crescente aceitação na área educacional, devido principalmente de sua capacidade de investigar as questões relacionadas à escola. Por isso, nos utilizaremos dos termos qualitativo e etnográfico como correlacionais.

Para estes estudiosos, “a pesquisa qualitativa ou naturalística, envolve a obtenção dos dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. Bodgan e Biklen (1982, apud LUDKE e MENGA, 1986) ainda apresentam as características da pesquisa qualitativa e destacam que “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Segundo os

autores, os dados que são coletados para a pesquisa etnográfica são detalhados minuciosamente, pois:

O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. Citações são frequentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista. Todos os dados da realidade são considerados importantes. O pesquisador, deve, assim, atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada, pois um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado. (BODGAN e BILKEN, apud LUDKE e MENGA, 1986).

A análise dos dados numa pesquisa etnográfica é feita de forma progressiva, começa-se no cenário de campo e continua-se após a coleta dos dados, pois o pesquisador etnógrafo deve revisar com cautela os registros documentais, reler as notas de campo, ouvir repetidas vezes as fitas de áudio, enquanto analisa e toma decisões sobre os eventos observados. (ERICKSON, 1988).

Por isso, uma das preocupações desse trabalho foi desenvolver junto à comunidade um levantamento da história do bairro através de seus falantes com seus falares perpassando pelas práticas orais e pelos usos da escrita nos eventos sociais, no processo que culminou com a existência do bairro Itararé.

Então, apresentamos como resultado de uma pesquisa anterior de Mestrado em Letras, o resgate da história do bairro Dirceu Arcoverde através da memória popular, pois através de entrevistas com os moradores e alguns poucos documentos oficiais conseguimos registrar o surgimento do bairro.

3 O campo de pesquisa: comunidade e escola

De acordo com nossa investigação na ADH (Agência de Desenvolvimento Habitacional), os conjuntos Itararé I e II foram construídos através de um programa desenvolvido pela antiga COHAB-PI (sociedade de economia mista, que tinha o Estado do Piauí como seu maior acionista), na gestão do governador Dirceu Mendes Arcoverde. (MANUAL DO MUTUÁRIO, COHAB-PI, 1976).

Conforme narram os registros históricos (panfletos, sites e documentos da Associação de moradores do Itararé - AMI) e os depoimentos dos moradores, a região sudeste da cidade de Teresina surgiu a partir da construção dos conjuntos Itararé I e II entre os anos de 1977 e 1980. Alguns moradores mais velhos da comunidade contam que a área era praticamente desabitada e utilizada para a agricultura familiar e também afirmam que a região era utilizada como cemitério clandestino.

O conjunto Itararé I iniciou no ano de 1977 e o conjunto Itararé II no ano de 1980, com um objetivo de abrigar as pessoas que não tinham renda ou aquelas com um poder aquisitivo muito baixo, como: os funcionários públicos, cuja renda mensal girava em torno de um salário mínimo. E, outro dado considerado importante para a construção do bairro era

também permitir que o centro da cidade de Teresina e as regiões consideradas mais nobres ficassem sem a presença de pessoas pobres.

Dessa maneira, nasciam os bairros do Itararé I e II com uma população composta de trabalhadores da construção civil, lavradores, prestadores de serviços domésticos, biscateiros, funcionários públicos e um grande número de desempregados. Uma comunidade formada por pessoas simples, analfabetas, sofridas, marginalizadas, oriundas de outras cidades do interior do Piauí e que não tinham outra opção a não ser vir morar no Itararé.

Os moradores aqui recém-chegados, além do preconceito social herdado das suas origens pela pobreza e êxodo rural, enfrentavam as dificuldades de se acomodarem em um local distante, sem estrutura, que não oferecia serviços de água e de luz, não existia calçamento, nem mercado e as condições de vida eram precárias e muito difíceis.

Com o passar dos anos, a região foi tomando proporções de grandiosidade e ao redor dos conjuntos habitacionais foram aglomerando-se pequenos bairros, conjuntos, vilas e favelas. Como os conjuntos Dirceu I e II são “a olho nu” os maiores em população, em desenvolvimento comercial e cultural, começou-se então, a partir do crescimento a ser chamado de “*Grande Dirceu*”.

Como não podia ser diferente em um bairro populoso e considerando também a época de sua criação (década de 80) quando a conjuntura política do país saía da ditadura militar, diferentes grupos dos movimentos sociais foram se formando nos dois conjuntos habitacionais e buscando através dos movimentos sociais a melhoria de vida dos moradores da região, por isso a história do bairro foi marcada por lutas sociais.

Uma das lutas iniciais foi à garantia da manutenção da residência dos moradores, pois havia uma inadimplência muito grande devido e um alto índice de moradores desempregados e com baixa renda. O problema não era mais a aquisição da casa, era manter a prestação da casa em dia.

Porém, na fase de desenvolvimento da comunidade, os grupos políticos foram consolidando-se pouco a pouco, e as melhorias que tanto a população reivindicava foram também emergindo. Todas essas conquistas foram embaladas por uma luta política muito grande com o poder público municipal, estadual e até mesmo entre os grupos políticos internos do próprio bairro. As melhorias foram realizadas através de manifestações, abaixo-assinados, assembleias, pequenas reuniões e caminhadas pelas ruas do bairro, praticamente todas as conquistas da região tiveram que percorrer esse caminho de luta e neste caminho a escrita sempre estava presente.

É de suma relevância ressaltar que entre os grupos sociais organizados a Associação de Moradores do Itararé – AMI, se destaca entre outras existentes na região, principalmente pelas conquistas históricas desde a fundação do bairro até os dias atuais. É considerada e respeitada tanto pela comunidade como por outras instituições, sendo referência de organização comunitária.

Porém, após 30 anos de criação, “*O Grande Dirceu*”, transformou-se em uma das regiões mais bem estruturadas do estado, acolhendo um grande número de instituições, casas comerciais, agência bancárias, hospitais, escolas e até mesmo um campus da UESPI (Universidade Estadual do Piauí). Enfim, pode oferecer aos seus moradores praticamente todos os serviços públicos e privados.

Ocorre, portanto, uma transformação social muito significativa, pois os moradores falam com muito orgulho do bairro onde moram, se vangloriam principalmente da capacidade da região em oferecer a população os serviços que outrora não tinham. Existe um sentimento por parte dos moradores, principalmente dos que ali habitaram desde o início, de ter ocorrido “a volta por cima” e em toda a pesquisa, não localizamos nenhum morador que não se

sentisse satisfeito em residir na região do Grande Dirceu, com relação à estrutura que o bairro oferece.

Conforme já foi comentado, os problemas vivenciados pela população não ficavam estabilizados, devido à capacidade mobilizadora dos grupos políticos da região que sempre buscavam soluções na tentativa de atender as necessidades do povo. Ao escutarmos as narrativas dos moradores do bairro Dirceu, principalmente no que se refere à educação, chega a ser comovente a maneira como os moradores garantiram para si gradativamente todos os níveis de ensino. Pois, a região do grande Itararé, conforme citamos, no início de sua formação exibia um índice altíssimo de analfabetos e hoje conta com escolas públicas e particulares em todos os níveis de ensino, é o único bairro de Teresina que foi privilegiado com um *campus* universitário.

Dentre as escolas públicas da região do Grande Dirceu, destacamos a Unidade Escolar Pinheiro Machado, mantida pelo Governo Estadual, administrada pela Secretaria da Estadual de Educação, criada pelo Decreto Executivo CCE N° 6583 de 12 de janeiro de 1986. Conforme cita o regimento da escola, é uma escola padronizada pelo modelo estrutural das escolas públicas estaduais, mas com algumas mudanças pelas necessidades demandadas na comunidade.

A Unidade Escolar Pinheiro Machado está localizada no Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde I, na periferia urbana do município de Teresina, capital do Piauí, à rua Anchieta, n° 2515, zona sudeste. A escola recebeu este nome em homenagem ao parnaibano advogado e político Pinheiro Machado, tendo o mesmo exercido mandato de deputado Federal.

A escola possui uma área de 300m² de área construída com 15 dependências assim distribuídas: 01 diretoria, 01 sala de professores, 01 secretaria, 01 sala de laboratório de ciências, 01 sala de multimeios, 01 sala de coordenação, 01 sala do Programa Mais Educação, 01 depósito, 10 salas de aulas, 04 banheiros (sendo 02 adaptados para deficientes físicos), 01 biblioteca, 01 sala de arquivo, 01 cantina, 01 refeitório, 01 dispensa, 01 quadra coberta, corredores amplos e áreas livres que podem e devem ser utilizadas para cultivo de hortaliças e jardinagem.

De acordo com os documentos oficiais da escola, a população da região cresceu muito desde sua fundação, gerando uma grande demanda nos setores da educação, saúde, segurança, trabalho e lazer. Atualmente, a comunidade enfrenta a problemática do desemprego, principalmente da juventude, o que tem deixado a população apreensiva, devido aos altos índices de violência entre os jovens, o consumo de drogas é altíssimo e conseqüentemente morrem muitos jovens antes de completarem a maioridade.

Um outro problema apontado pela escola são as famílias desestruturadas, há na comunidade um número elevado de filhos de pais separados, criados somente pelas mães ou pelos avós. Nesse contexto, a Unidade Escolar Pinheiro Machado tem buscado desenvolver um trabalho voltado para minimizar esses problemas e dar sua contribuição para um futuro melhor aos jovens da comunidade na qual está localizada, atuando com um currículo diversificado focando a formação cidadã, a preparação para estudos posteriores, aprovação no ENEM e demais vestibulares, assim como o acesso ao mercado de trabalho.

4 Os eventos de escrita e os eventos de fala da comunidade e da escola

As análises dessa pesquisa tiveram por base fatos da observação participante em cenas diárias dos membros da comunidade, passando por entrevistas e análises de eventos de

escrita e eventos de fala que circulam pela comunidade e também de observações dos comportamentos de diferentes habitantes da comunidade.

Assim, com o intuito de identificar como os moradores se utilizam da escrita e se expressam através de suas manifestações orais em suas necessidades diárias sentimos a necessidade de recorrer a visitas estratégicas aos locais de maiores circulação do bairro, como: mercado, supermercados, as principais vias do bairro, as igrejas, estação de metrô, lojas de grande porte, Hospital do Dirceu II, Maternidade Wall Ferraz, paradas de ônibus, filas de bancos e caixas eletrônicos.

Neste sentido, buscamos também identificar de que maneira a escrita se encontra presente no cotidiano dessas pessoas e perceber as diversas manifestações linguística presentes na comunidade e na escola pesquisada.

Conforme já citamos, no momento da construção do bairro, a maioria dos habitantes era analfabeta, muito embora os moradores mantivessem diferentes relações com e através da escrita, principalmente no que se refere à aquisição das casas. Como por exemplo: a lista dos nomes dos possíveis moradores, o sorteio das casas, as cartas de autorização, os bilhetes dos políticos, os cadastros, os protocolos para a legalização da documentação das casas junto à COHAB, os carnês das prestações, o manual do mutuário, os talões de água e de luz, os documentos pessoais dos moradores, enfim todo o tipo de escrita que envolvesse o processo para a organização habitacional e posse das casas. Enfim, todo o processo burocrático para a habitação das casas, o intercâmbio social dos moradores com os líderes comunitários, com as instituições governamentais e em que os moradores tiveram que se relacionar.

Assim, as práticas sociais dos moradores evidenciam que a convivência com a escrita e as manifestações orais no bairro Itararé independem se estes possuem escolaridade ou não, pois confirma-se aqui o que postula Marcuschi (2007, p.19) “até mesmo os analfabetos, em sociedades com escrita, estão sob influência do que contemporaneamente se convencionou chamar de *práticas de letramento* [...]”.

Embora muitos moradores não tivessem condições de realizarem eles mesmos as leituras e as produções necessárias para atender as suas necessidades, assim como as exigências das COHAB e de outras instituições, eles tinham o conhecimento e a consciência de que a garantia da aquisição do imóvel só seria possível através dos documentos escritos, conforme podemos perceber no depoimento de um morador.

No momento de nossa conversa em sua casa, percebemos a emoção ao relatar com detalhes a maneira como conseguiu a casa para morar, os valores que pagou, os documentos que ainda tem guardado, embora a casa já esteja quitada, ele ainda conserva muitos papéis que na época eram repassados aos mutuários. O morador tem plena convicção de que os documentos que possui, lhe asseguram a posse da casa e que o torna proprietário da mesma. A condição de proprietário do imóvel legalizada pela apropriação dos documentos demonstra a credibilidade, a veracidade e a validade de que precisam para se sentirem seguros de fato sobre a aquisição da casa. E tudo isso só é possível pela importância do papel escrito. O que nos leva a concluir que embora analfabetas, como no caso do citado morador e de muitos outros moradores, estes depositam todo o crédito da aquisição da casa no texto escrito, nos documentos que possuem.

Esse mesmo sentimento pode ser verificado também nos moradores quando se trata dos documentos pessoais, de aposentaria e de extratos bancários. Nesses casos, existe, portanto, uma relação muito estreita com a escrita, pois mesmo sem o conhecimento de todas as suas propriedades, aqueles que não sabem ler, sentem-se amparados por ela. Tal constatação é muito clara em Soares (1988, p. 47).

Um adulto pode ser analfabeto e letrado: não sabe ler nem escrever, mas usa a escrita: pede a alguém que escreva por ele, dita uma carta, por exemplo (e é interessante que, quando dita, usa as convenções e estruturas linguísticas próprias da língua escrita, evidenciando que conhece as peculiaridades da língua escrita) – não sabe escrever, mas conhece as funções da escrita, e usa-a lançando mão de um instrumento que é o alfabetizado (que funciona como uma máquina de escrever...); pede a alguém que leia para ele a carta que recebeu ou uma notícia de jornal, ou uma placa na rua, ou a indicação do roteiro de um ônibus – não sabe ler, mas conhece as funções da escrita, e usa-a, lançando mão do alfabetizado.

Em nossas observações, verificamos que os moradores do bairro Dirceu, assim como qualquer pessoa que adentre ao bairro, estão expostos a um número muito grande de textos escritos e orais e em muitos casos são condicionados a interagirem com e através destes textos em situações orais e escritas. Como veremos são situações em pontos estratégicos do bairro onde podemos identificar a presença maciça de eventos e práticas de letramento.

Ao circularmos na Avenida Principal do Dirceu, local onde se concentra o movimento comercial da região e conseqüentemente ocorre uma circulação muito grande de transeuntes, as informações escritas são facilmente localizadas. As fachadas das lojas comerciais, quase sempre coloridas e luminosas, destacam o nome do estabelecimento para chamar a atenção da freguesia, além de serem divulgados a descrição e os valores dos principais produtos que comercializa. Além da divulgação interna e externa no espaço físico das lojas, o comércio local faz uso de faixas que são espalhadas pelas principais ruas do bairro e de panfletos que são distribuídos nos sinais de trânsito, sempre com informações de valores, imagens e textos apelativos para conquistarem os clientes.

Constatamos também, outra forma de letramento social muito comum no bairro Dirceu: os anúncios e divulgações em carro de som. A circulação do carro de som pelas principais ruas da cidade constitui estratégia simples que atinge rapidamente um número significativo de pessoas, cujas informações são transmitidas oralmente por um locutor que está amparado em um texto escrito. As divulgações feitas em carro de som, com distribuição de panfletos, são anúncios comerciais de uma forma geral, campanhas de saúde, reuniões comunitárias, visitas de personalidades, inaugurações, convites de festas. Os textos divulgados possuem características comuns: linguagem clara, concisa, com informações bem definidas e objetivas, divulga-se principalmente o evento, o local e a data onde irá acontecer o que está sendo anunciado, há uma forte presença de termos apelativos.

Conforme Kleiman (1995, p.39), “as práticas de letramento mudam conforme o contexto”, e em se tratando do Grande Dirceu e de seu desenvolvimento, todas as formas de divulgação comercial são utilizadas, desde a mais simples como escrita em grafitos nos muros, nas paredes das casas até as mais sofisticadas, como *outdoors* volantes. Desde 2006, circula pelo bairro uma revista com informações locais onde constam informações diversificadas da região. Funciona como um guia de compras e serviços para os moradores, onde se pode verificar os telefones e endereços dos principais restaurantes, comércios, escolas particulares, academias, escritórios, rádios, lojas, hotéis, locadoras entre outros.

Para Soares (1988), o letramento deve atender as práticas sociais quando exigido e deve ser, portanto, socialmente construído. Neste sentido, a elaboração da revista foi uma forma encontrada para reunir as informações dos serviços oferecidos no bairro Dirceu e apresenta um modelo claro de práticas de letramento, já que a escrita fornece o significado da situação, e atende evidentemente a uma demanda letrada e alfabetizada. Os moradores por serem alfabetizados interagem entre si, através das informações na revista, como em relação

às estratégias semióticas utilizadas pelos comerciantes locais. Os eventos de letramento que se desenvolvem a partir do manuseio da revista são inúmeros, pois as informações contidas garantem interações de ordem familiar, já que os comerciantes são moradores do bairro, comercial, cultural, enfim em diferentes aspectos e contextos ocorrem as articulações entre os sujeitos. Aqui, merece pontuar o fato de que a elaboração, distribuição e manuseio da revista só é possível devido à existência de uma clientela alfabetizada e que possui determinados níveis de letramento capazes de garantir o sucesso da revista em quatro anos consecutivos.

As diferentes manifestações da escrita no bairro Dirceu são tantas que às vezes temos a impressão de que em nenhum momento ela está ausente. A região possui uma vasta sinalização urbana, com informações em placas que indicam os diferentes bairros, o nome das ruas, dos pontos culturais como o teatro, a curva São Paulo, o mercado público, a UESPI, o 8º distrito policial, o corpo de bombeiros, entre outros. Muitas informações são encontradas nos portes, em placas nos pontos de ônibus, nas camisas dos mototaxistas, nos táxis e em cavaletes alocados nas calçadas de pontos comerciais. Enfim, o bairro Itararé por meio do letramento expõe sua origem, sua tradição, seja pelos movimentos sociais, culturais, artísticos e religiosos.

Não se pode negar que o convívio dos moradores desde o surgimento do bairro com a organização popular por meio de agremiações e associações representa uma constante relação com textos escritos, pois os textos que circulam nestas instituições são de interesses comuns dos grupos representados e manifestam causas sociais defendidas pela comunidade.

Portanto, estes textos na maioria das vezes foram objetos de produção e de leituras compartilhadas de um grande número de habitantes, como podemos citar os abaixo-assinados que reivindicaram as escolas, o calçamento, a melhoria do transporte, os quebra-molas, a praça cultural, a agência bancária. Outros textos como as atas de assembleia da associação dos moradores, ofícios que foram direcionados a autoridades governamentais, os textos lidos nas missas e até mesmo os discursos de protestos são formas de letramentos sociais, pois todos esses eventos de letramento são manifestações do grupo social do Dirceu em que a escrita está presente. Então, verificamos que a prática da escrita e da leitura são exercitadas em quase todos os momentos, independente se os sujeitos são alfabetizados ou não-alfabetizados.

Com o passar do tempo, a circulação de textos em forma de panfletos, cartazes, convites e faixas foi se incorporando como uma prática costumeira no bairro. A população de uma maneira geral busca diferentes estratégias para a divulgação dos fatos, destacando-se a preferência pela utilização de faixas, pois esta forma de escrita é bastante utilizada pelos moradores. No bairro Itararé é sempre fácil encontrar faixas expostas pelas ruas para divulgar campanhas de vacinação de crianças, idosos e animais, a visita de pessoas ilustres como a visita do presidente Lula, felicitações do dia das mães, dia da mulher, manifesto dos moradores e divulgações de cursos, festas, promoções comerciais, dentre outros. Tais manifestações escritas sempre são distribuídas nas três vias de maiores movimento do bairro, como a Avenida Principal, Avenida Joaquim Nelson e Avenida Noé Mendes.

Observamos também, que na maternidade Wall Ferraz e no Hospital do Dirceu II, os dois pontos principais de atendimento à saúde da região, há uma tramitação de textos escritos: agendas de marcação de consulta, solicitação de exames, receita médica, prontuários de pacientes e todos estes textos são de manuseio de pessoas alfabetizadas e não-alfabetizadas e todas elas conseguem realizar suas leituras mesmo que seja através de terceiros. O acesso a essas informações justifica-se ainda pelo fato de estar afixado em pontos estratégicos para a visualização e leitura dos interessados.

Portanto, não resta dúvida de que a utilização da escrita e as diferentes manifestações orais através de depoimentos, relatos, palestras, reuniões contribuíram com o desenvolvimento do bairro Itararé em diferentes aspectos sociais.

Pois, neste sentido, é relevante considerar a importância do letramento do grupo social e suas expectativas para aquisição de novas práticas, envolvidas nos seus contextos e que não se leve em conta apenas os aspectos estritamente lingüísticos, como também suas diferentes formas de variação em que a língua acontece mas, principalmente, os seus diferentes usos efetivos, considerando seus significados e seus respectivos contextos sociais, incluindo seus atores como parte dos contextos.

Como não podia ser diferente, na Unidade Escolar Pinheiro Machado a escrita preenche um espaço significativo, pois a escola se utiliza do código escrito em praticamente todos os eventos realizados na escola. Na área externa do prédio, o muro exibe o nome completo da escola, evidenciando também que ali se concentra uma escola da rede estadual de ensino do Estado do Piauí.

Nas áreas internas, a escola expõe diversos cartazes, folders, quadros de avisos com notas de alunos, relação de aprovados em vestibulares, notícias da comunidade e avisos de eventos da escola, como por exemplo: eleição para diretores. A escola possui também uma biblioteca onde alunos e professores tem a oportunidade de realizarem leituras e pesquisas.

Nos ambientes administrativos da escola, como: secretaria, diretoria e coordenação, existem um número grandioso de documentos de alunos e professores onde são feitos os registros de matrícula, histórico escolar, diplomação, declarações e transferências. Essa documentação, de caráter burocrático, exige uma escrita e leitura bastante objetiva e formal dos profissionais da escola, para que os registros e arquivos escolares não possuam borrões, máculas ou erros.

Porém, é na sala de aula onde os eventos de escrita acontecem em maior quantidade e diversidade. Vários gêneros textuais escritos e orais acontecem durante as aulas, mas percebemos que as aulas em sua maioria são concentradas no código escrito. Pois, ao investigarmos as aulas de língua portuguesa, identificamos que de maneira recorrente as professoras utilizavam a escrita como método e avaliação de suas aulas, por exemplo: após leitura de obras literárias é prática comum a realização de exercícios escritos e provões com questões objetivas.

Conforme já citamos, a escrita é o alvo das avaliações dos professores, os textos dos alunos são avaliados criteriosamente pelas regras ortográficas vigentes, o aluno que sabe escrever é muito prestigiado dentro da escola. Nas aulas de língua portuguesa onde focalizamos nossa pesquisa, notificamos os principais gêneros textuais escritos pelos alunos: cópias dos apontamentos feitas pelo professor no quadro branco, cópia dos exercícios feitos pelo professor no quadro ou retirados do livro, redação, poesias, letras de músicas, contos.

Em relação aos professores, estes mantem praticamente a mesma rotina, seus textos escritos são: o livro didático adotado pela escola, os diários, as fichas escolares, os livros paradidáticos e de vez em quando um texto de revista. Desta forma, conseguimos perceber que as aulas praticamente acontecem da mesma maneira, e os professores praticamente não se utilizam da biblioteca para leituras e pesquisas.

No tocante aos eventos de fala que acontecem na escola, destacamos a fala da diretora, personagem que centraliza a equipe gestora da escola, o papel social a ela atribuída reflete na sua forma de falar aos alunos, professores e coordenadores. É a partir dela e de sua postura que as maiores decisões acontecem dentro da escola, sua função é orientar, organizar e decidir, portanto, as suas manifestações tem características de ordem e no geral devem ser obedecidas.

Da mesma maneira, as variações linguísticas acontecem na sala de aula, nos corredores e fora da sala de aula, devido aos papéis sociais que os alunos exercem em cada contexto. Na sala de aula, devido a figura do professor, os alunos se mantem em uma situação secundária, mostram-se tímidos ao falar, sendo o professor a pessoa que fala com autoridade e

praticamente garante o monopólio da fala nas aulas. Nos corredores, os alunos sentem-se mais à vontade e conversam informalidades, falam de todos os assuntos possíveis: moda, televisão, internet, fofocas, festas, brincadeiras, etc. Para cada ambiente, identificamos uma situação linguística diversificada conforme o contexto dos sujeitos sociais.

5 Conclusão

Conforme a pesquisa feita sobre a construção do bairro Itararé, ficou claro que desde o início a comunidade teve contato com o texto escrito, embora nessa época existisse um grande número de pessoas analfabetas. Nesse período, a escrita servia para atender as reivindicações dos moradores através de ofícios, abaixo-assinados, projetos, enfim, documentos que revelassem formalmente suas necessidades. Até mesmo os analfabetos utilizavam-se dessa escrita, pois estavam representados através dela. As práticas sociais que mais ocorriam nesse período eram passeatas, caminhadas, invasões, despejos, ocupações, reuniões, assembléias e em todos esses eventos sociais havia a necessidade de que tudo fosse registrado para posteriormente se transformar em documentação reivindicatória a favor dos moradores.

Tais eventos de fala e de escrita contribuíram enormemente para o crescimento da comunidade social hoje existente, onde destacamos a Unidade Escolar Pinheiro Machado, ponto central de nossa investigação linguística. Na escola, assim como na comunidade, as manifestações linguísticas acontecem conforme a contextualização de seus atores sociais, sendo num maior ou menor grau de formalidade de acordo com as situações vividas pelos sujeitos.

E neste sentido, é relevante considerar a importância do letramento do grupo social e suas expectativas para aquisição de novas práticas, envolvidas nos seus contextos e que não se leve em conta apenas os aspectos estritamente lingüísticos, como também suas diferentes formas de variação em que a língua acontece mas, principalmente, os seus diferentes usos efetivos, considerando seus significados e seus respectivos contextos sociais, incluindo seus atores como parte dos contextos.

6 Referências bibliográficas

ANDRÉ. Marli Eliza & DALMAZO, Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

ERICKSON Frederick. **Ethnographic Description**. In. Sociolinguistics, Berlim e N. York: Walter de Gruyter, 1988.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. Trad. Francisco Salatiel de A. Barbosa. São Paulo: Cortez, 1986.

GUMPERZ, J.J e HYMES, Dell (Orgs). **Directions in Sociolinguistics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1986.

HYMES, Dell. **A antropologia da educação**. In: Teoria da Comunicação Humana (org) Dance X. E. Frank. Trad: Álvaro Cabral e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1967. P. 9 - 48.

KLEIMAN, Angela B. (Org). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campina, SP: Mercado de Letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANUAL DO MUTUÁRIO, Companhia de Habitação do Piauí. Governo Dirceu Arcoverde, [1976]

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

REVISTA AMI. Associação de Moradores do Itararé. Edição especial. Ano I. Nº 01, abr/1999.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.